

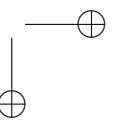
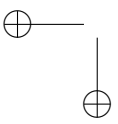
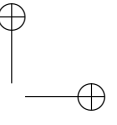
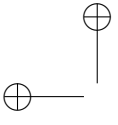
Manuais de Cinema IV



Os Cineastas e a sua Arte

Luís Nogueira

Livros LabCom
2010



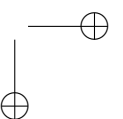
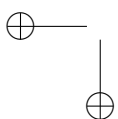


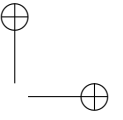
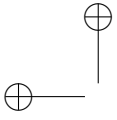
Luís Nogueira

Manuais de Cinema IV

Os Cineastas e a sua Arte

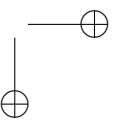
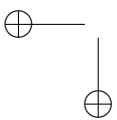
LabCom Books 2010





Livros LabCom
www.livroslabcom.ubi.pt
Série: Estudos em Comunicação
Direcção: António Fidalgo
Design da Capa: Madalena Sena
Paginação: Marco Oliveira
Covilhã, 2010

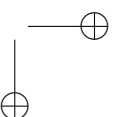
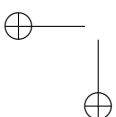
ISBN: 978-989-654-046-3





Índice

Introdução	1
Definição de Cineasta	3
Tipologia	9
História dos Cineastas	13
Teoria do estilo/Estilo como teoria	15
Cinema como arte	19
O cinema no sistema das artes	24
O cinema como arte técnica	31
Hipótese de uma linguagem	47
Necessidade de uma linguagem	51
Elementos de uma linguagem	61
Realismo	77
Realidade mental	83
Realismo como estilo	87
Atitudes	92
Métodos	108
Narrativa	131
Manifestos	143





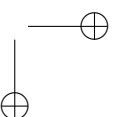
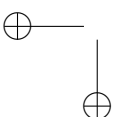


Introdução

Todos respeitamos de uma forma particular as palavras de um artista acerca da sua obra ou do seu ofício, as quais chegamos frequentemente a reverenciar. De algum modo, é como se as palavras ditas por cada oficiante de uma arte assumissem uma gravidade, uma autenticidade e uma autoridade de que carecem tanto o espectador como o crítico, o analista ou o teórico. No caso do cinema, tratando-se de uma arte de tão vastas e específicas exigências técnicas e formais, é natural que procuremos recolher no discurso directamente produzido pelos seus autores os ensinamentos mais profundos e informados. Porque, no fundo, todos pensamos: quem melhor do que o autor para desvelar os segredos da sua arte, as motivações do seu trabalho, o contexto da sua obra?

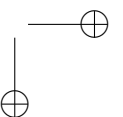
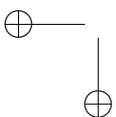
Esta atenção especial às palavras dos cineastas enfrenta algumas dificuldades: é que onde o crítico ou o teórico ou o analista trabalham sobre a sistematização de um discurso e de uma lógica de reflexão sustentada e aprofundada, o cineasta socorre-se muito frequentemente da intuição, e experimenta a deriva e até o desdém perante o discurso lógico e sistemático da teoria e da ciência. Revela-se difícil encontrar em qualquer cineasta (raras são as excepções) um argumentário ou um ideário devidamente organizado. Não que não seja possível conhecer e reconhecer o pensamento de muitos cineastas sobre a sua arte – através de entrevistas, de artigos, de depoimentos –, mas o facto é que esses pensamentos tendem a ser apresentados de modo ora lacunar ora laudatório ora lacónico.

Neste livro, procuramos coligir alguns dos ensinamentos de vários cineastas fundamentais da história do cinema e reflectir de modo breve acerca dos mesmos. Como se constatará, procurámos aqueles autores cujo pensamento, por iniciativa própria ou por iniciativa de outros, está sistematizado em livro, já que o objectivo foi preparar um manual que pudesse servir de base a uma unidade curricular universitária designada Teoria dos Cineastas. Daí a incidência sobre a perspectiva e a pretensão teórica dos escritos dos cineastas. Para uma futura ocasião deixamos a recolha de pensamentos expostos através de outros meios. Procuraremos, nessa altura, recolher e sistematizar um saber que se encontra disperso por documentários, *making of*, monografias, depoimentos e de-





mais formatos. Porém, para já, e apesar das dificuldades que se não-de notar a propósito da produção teórica de cineastas ou sobre cineastas, julgamos que se poderá encontrar algum proveito em conhecer as ideias dos realizadores sobre a sua arte.





Definição de Cineasta

Para podermos falar de uma teoria dos cineastas devemos começar por procurar entender a que nos referimos com esta expressão e sugerir uma definição de cineasta. A relação dos cineastas com a teoria é necessariamente diversa na forma, no conteúdo, na ambição e na premência. Existem aqueles que deliberadamente tentaram produzir o que poderíamos designar como uma teoria acabada da sua actividade, dando-lhe uma forma suficientemente consistente nos seus critérios e nos seus objectivos. Existem aqueles que produziram conteúdo avulso acerca da sua própria obra, mas igualmente do fenómeno fílmico em geral, e que apesar da sua pertinência carecem de consistência e objectividade. Existem os que procuraram entender o cinema na sua especificidade e sobre isso reflectiram minuciosa e aturadamente. E existem aqueles que involuntariamente foram contribuindo para uma clarificação da sua arte a partir de um impulso irremovível para a reflexão (mesmo que fragmentária e pontual).

Como se pode constatar, nem todos os cineastas conviveram (e convivem) de modo semelhante com esta inquietação teórica que de modo mais ou menos urgente atravessa toda e qualquer obra e os discursos que esta suscita. Alguns comprazem-se em discorrer sobre a arte a que se devotaram; outros enfadam-se com a produção de qualquer discurso. Uns reflectem muito e produzem pouco, outros filmam muito e discorrem pouco. Alguns recusam a interpretação da sua obra, outros beneficiam a reflexão incisiva. Qualquer que seja o seu perfil, mais reflexivo ou mais evasivo, a um cineasta pedir-se-á sempre um pensamento denso e forte, estruturado e proficiente.

O bom cinema é, então, seguramente, um cinema de boas ideias – sejam estas de ordem técnica, estética, ética, política. O discurso dos autores sobre a arte cinematográfica (sua e alheia) é, então, um dos momentos mais importantes para se perceber que ideias são transportadas pelo cinema, mas também que ideias de cinema se materializam nos filmes. E este poderá ser também o melhor dos modos para compreender a relação, tantas vezes dicotómica, entre obra e teoria. Ou entre *o quê* e *o como*. Ou entre forma e conteúdo. Ou entre suporte e género. Descobrimos e percebemos melhor, a partir do pensamento de um cineasta, a





cada momento, os lugares de contágio, os efeitos recíprocos, os trânsitos variados entre cada um destes pares de conceitos e procedimentos.

Por um lado, nenhuma obra nem nenhuma arte deixam de reivindicar uma hermenêutica. Se, por natureza, o espectador (comum, teórico, crítico, tanto faz) se dedica a interpretar um filme, sob que perspectiva seja, ao autor está reservado o mesmo prazer e, frequentemente, a mesma necessidade. Por outro lado, há filmes e modos de entender o cinema que dificilmente podem dispensar o contexto autoral sob risco de se delapidar o seu potencial artístico ou ignorar o horizonte da sua interpretação – mesmo se enigmas, inconsistências, provocações se podem perpetuar, apesar da voz da autoridade e da responsabilidade última do cineasta. E pode, por fim, questionar-se: existirá alguém epistemologicamente melhor colocado e eticamente mais legitimado que o próprio autor? O que pode levar-nos à questão argumentativa mais profunda: será necessariamente do autor a última palavra?

Vale a pena dizer desde logo que nem todo o discurso produzido aspira à teoria. Mas a que tipo de discurso nos referimos quando falamos de teoria dos cineastas? Talvez a problemática inevitável em redor desta expressão possa ser aproveitada de forma virtuosa para debate e a partir daí talvez possam os entender mais claramente a relevância indiscutível da reflexão dos cineastas sobre a sua obra e a sua arte. Mas perguntemos: estaremos a falar de uma teoria criada pelos cineastas? De uma teoria que cria os cineastas (de que seria exemplo a famosa *politique des auteurs*)? De uma teoria que explica os cineastas? De uma teoria explicada pelos cineastas? De uma teoria sobre os cineastas? Ou, de forma abrangente e integrada, será que todas estas inquietações não acabam, inevitavelmente, por confluir e se imbricar?

Todas cruzadas, estas questões poderão resumir-se numa interrogação ambiciosa e virtualmente insolúvel: o que é o cinema? Esta aproximação à ontologia do cinema é tão mais inevitável quanto, em muitos cineastas, mais do que o recurso ao cinema como uma forma de confronto e problematização com o mundo e as suas representações, se manifesta, de forma não apenas paralela, mas eventualmente prioritária, uma problematização do próprio cinema enquanto meio de expressão. O cinema olha-se frequentemente a si próprio e, nesse gesto, é igualmente o cineasta que se olha a si mesmo. Esta confrontação entre autor e obra, entre



Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

